

**VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O Trabalho no Século
XXI. Mudanças, impactos e perspectivas.**

**GT 10 - Estratégias empresarias desplegadas dentro y fuera del espacio de trabajo”.
Desafíos conceptuales y metodológicos para la construcción de una perspectiva
etnográfica**

**Enraizamento, construção do espaço e limitação estrutural: reflexos da presença e
atuação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em Volta Redonda (Brasil)**

Resumo: Este artigo analisa os impactos das mudanças estratégicas, organizacionais e produtivas da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) sobre Volta Redonda, no sul do estado do Rio de Janeiro. A proposta é pensar a conexão entre as relações sociais do Capitalismo e suas estruturas espaciais a partir da investigação sobre uma localidade vinculada à atividade siderúrgica, procurando verificar se e em que grau a (re) configuração de um *landscape* econômico acarreta mudanças na estrutura social de uma região, e identificar que possíveis efeitos histórico-institucionais foram deixados pela Companhia sobre a economia regional. A percepção é que a siderúrgica exerceu um pleno domínio sobre as possibilidades de desenvolvimento regional de áreas nas quais já vinha atuando, nas últimas décadas. A proposta é apresentar evidências que confirmem esta hipótese.

Nome: Raphael Jonathas da Costa Lima

Filiação institucional: Universidade Federal Fluminense (UFF)

Titulação: Doutor em Sociologia (UFRJ)

Objeto, Objetivo e Metodologia

Este artigo analisa os impactos das mudanças estratégicas, organizacionais e produtivas da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) sobre Volta Redonda, no sul do estado do Rio de Janeiro. A proposta é pensar a conexão entre as relações sociais do Capitalismo e suas estruturas espaciais a partir da investigação de uma localidade vinculada à atividade siderúrgica, procurando verificar se e em que grau a (re) configuração de um landscape econômico acarreta mudanças na estrutura social de uma região, e identificar que possíveis efeitos histórico-institucionais foram deixados pela Companhia sobre a economia regional.

Em síntese, ao discutir o processo de reestruturação produtiva da CSN e seus efeitos sobre um dos territórios onde a empresa atua, o artigo visa reforçar a constatação feita pelo estudo de Rady (1973) acerca do efeito controlador empreendido pela CSN em distintas regiões do Brasil, notadamente em partes do Médio Paraíba Fluminense. A percepção é que a siderúrgica exerceu um pleno domínio sobre as possibilidades de desenvolvimento regional de áreas nas quais já vinha atuando, nas últimas décadas. A proposta é apresentar evidências que confirmem esta hipótese.

De empresa estatal a grande “conglomerado” de negócios, a CSN vem orientando seus esforços para a estratégia de adquirir novos negócios e de se internacionalizar, o que tem gerado questões relativas ao lugar ocupado pela atividade siderúrgica, pela Usina Presidente Vargas (UPV) e, conseqüentemente, por Volta Redonda nesta sua nova configuração produtiva. Por hipótese, acredita-se que a minimização da produção siderúrgica esteja conduzindo o município a diversificar sua economia, transformando-se em centro regional de serviços, com reflexos quase imediatos sobre sua cultura construída ao redor da presença operária, notadamente a partir da década de 1940, ainda que em obediência a um projeto de “engenharia social” desenhado pelo Estado (Harvey, 2005). Além disso, o deslocamento do foco para Congonhas e Arcos – dois importantes centros de extração de minérios – abre novas possibilidades investigativas e comparativas, sendo interessante buscar indícios que reforcem a condição oligopolista da CSN no sentido de orientar o desenvolvimento e a modernização destas cidades, tal como acreditamos ter acontecido em Volta Redonda. O objetivo é que este texto ajude a

estabelecer uma nova frente de estudos sobre uma instituição que atuou na vanguarda da “revolução industrial brasileira” da primeira metade do século XX.

O artigo está estruturado em quatro partes que abordam, respectivamente: 1) os sucessivos processos do aprimoramento técnico da UPV e sua capacidade em determinar os aspectos de uma geografia econômica particular; 2) as características do que se convencionou chamar de *company town* e sua matriz socioantropológica; 3) a privatização, a internacionalização e a estratégia de diversificação do portfólio da empresa; 4) os traços mais perniciosos do controle e da submissão de Volta Redonda.

Para atingir sua finalidade, o artigo se utiliza de uma metodologia qualitativa apoiada no uso de depoimentos de alguns ex-presidentes da Companhia, os quais tiveram atuação decisiva na reestruturação sofrida pela empresa desde a década de 1990. Os depoimentos foram complementados por fontes secundárias, especialmente jornais, estudos técnicos e documentos que ajudam a dimensionar a interferência da Companhia em todas as etapas do desenvolvimento de Volta Redonda.

Resultados

Este artigo procurou problematizar alguns aspectos relacionados ao desenvolvimento do município de Volta Redonda a partir da imbricação da CSN sobre o seu território. Entende-se que esta problematização seja pertinente não pela perspectiva aqui assumida de reafirmar que o crescimento do município margeou todo o processo de expansão física da Usina Presidente Vargas (UPV), mas por sugerir a existência de condicionamentos estruturais que por décadas vêm cercando e inviabilizando os esforços de autonomia do município. A discussão procurou indicar a existência de limitações estruturais definidas pelo tipo de arranjo sociopolítico constituído no território e conclui tratar-se de uma inverdade a argumentação segundo a qual Volta Redonda perdeu por completo sua condição de *company town*, na transição da década de 1960 para a de 1970. As evidências empíricas somadas a uma releitura atenta dos pressupostos que orientaram o empreendimento do Estado brasileiro levam à conclusão de que aspectos originais fundamentais, como a imersão dos conflitos sociais na lógica espacial e a permanente submissão de setores (poder público e o empresariado) à visão de mundo da Companhia, explicam o enraizamento da sua dominação no território.

A interpretação clássica sugere que a condição de company town foi superada no final da década de 1960 por conta do abandono de um conjunto de ações tipicamente paternalistas, com maior destaque para a fracassada política habitacional da CSN. Não obstante, a discussão aqui empreendida se propôs a apostar na manutenção do status de cidade-companhia justamente porque dois dos princípios fundamentais se mantiveram preservados: a perspectiva da mudança cultural executada através da política do “desnudamento” e da ação civilizatória pela “instituição industrial-total” comprometida com a conformação de um novo perfil de trabalhador; e a manipulação intencional do landscape para fins de hierarquização/controle do espaço social. Objetivamente falando, processos como a privatização tiveram efeitos apenas pontuais sobre o desenvolvimento da região, não se transfigurando em revitalização do espaço socioeconômico. E, em geral, a leitura ideologizada predominante tendeu a enfatizar seus efeitos perversos sobre o conjunto de trabalhadores ao passo que contribuiu para obscurecer fatores como a agressiva atuação do Estado brasileiro enquanto agente capitalista responsável, já no final da década de 1970, pela intensa exploração e precarização da mão-de-obra da Usina Presidente Vargas.

Referências Bibliográficas:

- BOURDIEU, Pierre. (2001). O Poder Simbólico. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- DINIUS, Oliver. (2011). Brazil's Steel City – Developmentalism, Strategic Power and Industrial Relations in Volta Redonda, 1941-1964. Stanford, California, Stanford University Press.
- ENGELS, Friedrich. (2010). A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra. São Paulo, Boitempo Editorial.
- FOUCAULT, Michel. (1997). Vigiar e Punir – história da violência nas prisões. Petrópolis, Editora Vozes.
- GOFFMAN, Erving. (1974). Manicômios, Prisões e Conventos. São Paulo, Editora Perspectiva.
- GRACIOLLI, E. J. (2007). Privatização da CSN: da luta de classes à parceria. São Paulo, Expressão Popular.

HARVEY, David. (2005). A Produção Capitalista do Espaço. São Paulo, Annablume.

LEITE LOPES, J.S. (1988), A Tecelagem dos Conflitos de Classe na “Cidade das Chaminés”. São Paulo, Marco Zero – UNB MCT/ CNPq.

LIMA, Raphael J. da C. (2010). Novas e velhas questões: revisando a historiografia sobre Volta Redonda (RJ). História Unisinos, v. 14, p. 77-87.

----- (2010). A ‘Reinvenção’ de uma Cidade Industrial: Volta Redonda e o pós-privatização da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/IFCS/UFRJ).

MANGABEIRA, W. (1993), Dilemas do novo sindicalismo: democracia e política em Volta Redonda. Rio de Janeiro, Relume Dumará, ANPOCS.

MARKUSEN, Ann. (1995). Áreas de Atração de Investimentos em um Espaço Econômico Cambiante: uma tipologia dos distritos industriais. Belo Horizonte, Revista Nova Economia, v.5, n.2.

MOREL, Regina. (1989). A Ferro e Fogo: construção e crise da “família siderúrgica” – o caso de Volta Redonda (1941-1968). São Paulo, SP. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (USP).

----- (1995). “História incorporada e identidade coletiva entre trabalhadores aposentados da Companhia Siderúrgica Nacional.” In Abreu, A.R.P. e Pessanha, E.G.F. (orgs.) O trabalhador carioca: estudos sobre trabalhadores urbanos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, JC Editora.

PIQUET, Rosélia. (1998). Cidade-Empresa: presença na paisagem urbana brasileira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

RADY, Donald E. (1973). Volta Redonda: A Steel Mill Comes to a Brazilian Coffee Plantation. Washington, Industrial Entrepreneurship in a Developing Economy.